



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE



49º CONSELHO DIRETOR

61ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL

Washington, D.C., EUA, 28 de setembro a 2 de outubro de 2009

CD49/DIV/2 (Port.)
ORIGINAL: ESPANHOL

**COMENTÁRIOS DE BOAS-VINDAS DA DIRETORA
DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA
DRA. MIRTA ROSES PERIAGO**

**COMENTÁRIOS DE BOAS-VINDAS DA DIRETORA
DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA
DRA. MIRTA ROSES PERIAGO**

**49° CONSELHO DIRETOR
Washington D.C., 28 de setembro de 2009**

Obrigada, Sr. Presidente [Dr. José Gomes Temporão, Ministro da Saúde do Brasil], por presidir nosso 48° Conselho Diretor e a abertura deste.

Um reconhecimento especial aos destacados membros da mesa de honra e especialmente à Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde, Dra. Margaret Chan, que teve de acompanhar os seis Comitês Regionais das OMS viajando várias vezes ao redor do mundo.

Uma grande alegria pela presença de ministros e vice-ministros que fazem sacrifícios em sua agenda para assumir responsabilidades da direção da OPAS, e aos que vêm pela primeira vez, bem-vindos a esta sua casa, a Casa de Saúde nas Américas.

Não há dúvida de que neste ano de 2009 estamos vivendo “tempos interessantes”, com a chegada do novo vírus da influenza AH1N1. A Região se converteu na primeira trincheira neste combate e soube estar à altura desse enorme desafio sanitário. Estamos solidários com os países e com as famílias que sofreram a perda de vidas humanas e o impacto econômico adicional causado pela pandemia. A crucial contribuição regional à saúde pública global tem sido amplamente reconhecida e nos dá satisfação ter cumprido nosso dever, mas também nos deixa ensinamentos categóricos sobre o valor fundamental da preparação, prevenção, solidariedade, comunicação de risco, políticas baseadas em evidências e redes integradas para responder a desafios de tal magnitude.

A capacidade regional de resposta foi fortemente influenciada pela preparação, fruto da decisão previsoramente que nesse sentido o Conselho Diretor adotou desde 2005, da generosidade da comunidade internacional e das ações da Secretaria e dos Estados Membros para implantá-la. Também se evidenciou o incomensurável valor da prevenção em matéria sanitária. A resposta à pandemia na Região refletiu claramente a solidariedade entre os Estados Membros. Os primeiros países a ser afetados responderam com decisão e eficácia, e deram exemplo de solidariedade entre si e com os demais. Essa primeira resposta valente e transparente conseguiu ganhar um tempo decisivo, que permitiu aos outros países afinar os instrumentos necessários para enfrentar este desafio.

A resposta à pandemia de influenza foi influenciada decisivamente pela adoção de políticas baseadas em evidências científicas, e deve seguir sendo assim nas futuras etapas, para assegurar intervenções bem-sucedidas, efetivas e eficientes. Uma grande rede sanitária funcionou na prática em toda a Região, integrando os esforços de centenas de milhares de pessoas, desde os cientistas nos laboratórios, o pessoal de serviços de saúde e os comunicadores, até os peritos que fornecem cooperação técnica e as autoridades, sejam prefeitos, parlamentares, ministros ou chefes de Estado, numa ação uniforme da saúde pública ativamente o Regulamento Sanitário Internacional para a proteção dos povos da Região.

Os Estados Membros e suas equipes de trabalho, comandados pelos responsáveis pela saúde, se destacaram nessas ações. Permitam-me aqui reconhecer a liderança da doutora Chan, nossa Diretora Geral, à frente da extraordinária equipe de trabalho da Secretaria que forneceu cooperação técnica em todo esse processo. Uma equipe interdisciplinar, de reconhecida capacidade e comprometida com sua missão. Tenho orgulho de dar hoje as boas-vindas e apresentar-lhes um destacado membro dessa equipe, com uma ilustre trajetória científica, acadêmica e de serviço em prol da saúde pública, o doutor Jon K. Andrus, que foi selecionado como Diretor Adjunto de nossa Organização, cargo que assumirá plenamente a partir do dia 5 de outubro.

Não obstante, por mais satisfeitos que estejamos com o que conseguimos, nosso trabalho deve continuar porque os desafios ainda são enormes.

Como consequência da crise econômica mundial, a saúde e outros resultados do desenvolvimento em toda a Região se encontram ameaçados. A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) prognosticou uma diminuição de 1,7% do Produto Interno Bruto da Região em 2009, o que ocasionaria uma diminuição na renda *per capita* pela primeira vez em quase uma década. A significativa diminuição das remessas aos países e a elevação dos preços dos alimentos e dos combustíveis aumentaram a pobreza e a insegurança alimentar em alguns Estados Membros.

Estas tendências terão repercussão sobre a saúde, aumentando o número de pessoas vulneráveis, reduzindo as contribuições aos sistemas de segurança social e com menor participação nos planos de seguro de saúde, sejam privados ou públicos. Por sua vez, isso resultará em uma maior utilização dos serviços públicos gratuitos e dos serviços prestados pelas organizações voluntárias, que já estão sobrecarregados. As pessoas adiarão a busca de atenção à saúde, reduzindo o cumprimento das instruções sobre medicamentos e alimentação, e aumentando o risco de complicações com gastos médicos enormes que podem lançar famílias inteiras na pobreza.

A receita pública também diminuiu sensivelmente; assim, se for mantido o modelo histórico de gasto público anticíclico da Região, o financiamento público para a saúde será menor que a média de 3,4% do PIB registrada nos últimos cinco anos, uma cifra que já era inferior ao investido por países com proteção social ampla em matéria de saúde. Embora alguns países da Região tenham desenvolvido políticas fiscais anticíclicas para mitigar o impacto da crise, a maioria se concentra na geração de emprego e investimentos em infraestrutura e não no investimento social ou de saúde. Vemos com muita preocupação como, nos países que já cortaram o gasto público, se reduziu de maneira desproporcional o orçamento destinado ao setor da saúde.

Entrementes, o impacto da mudança climática se reflete na expansão de doenças para novas regiões, causando uma maior pressão sobre os sistemas sanitários, e também na disponibilidade de alimentos, reduzida pelas secas e incêndios que são sequelas do fenômeno El Niño, e seu correspondente impacto sobre os níveis de fome aguda e de desnutrição.

Diante de desafios dessa magnitude, além dos que devemos enfrentar cotidianamente em matéria de saúde, é mister aplicar os ensinamentos que já mencionei e recorrer à preparação, prevenção e solidariedade, para formular políticas sanitárias baseadas em evidências e utilizar redes sanitárias integradas para fazer um uso muito eficiente e eficaz dos limitados recursos destinados à saúde pública.

Assim reflete a intensa e ambiciosa agenda que este Conselho Diretor abordará nos próximos dias. Ela inclui a pandemia de influenza e a definição dos próximos passos, incluindo o papel do Fundo Rotativo para a Compra de Vacinas, passando pela análise sobre a estratégia de hospitais seguros, o plano de ação para a prevenção da cegueira e das deficiências visuais evitáveis e a política de pesquisa para a saúde, até a discussão das propostas sobre a eliminação das doenças negligenciadas e outras infecções relacionadas à pobreza, a Aliança Pan-Americana pela Nutrição e o Desenvolvimento para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e as redes integradas de serviços de saúde baseadas na atenção primária à saúde.

No contexto da Agenda de Saúde para as Américas 2008-2017, mantemos o compromisso com a proteção dos resultados alcançados, a abordagem da agenda inconclusa e a preparação para os desafios presentes e futuros em matéria de saúde. Contamos para isso com a experiência e capacidade técnica demonstrada ao longo da história por esta mais que centenária instituição e com o compromisso dos Estados Membros para alcançar o mais alto nível de saúde possível. Temos os olhos postos nas metas propostas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e estamos conscientes do que isto significa em termos de esperança e melhoria das condições de vida para nossas populações mais atrasadas. Estamos convencidos de que o progresso democrático e sustentável das nações está

indissolúvelmente unido ao bem-estar e à saúde dos povos. A saúde tem um papel fundamental a desempenhar no caminho para a felicidade, a união e a paz nas Américas. É responsabilidade dos senhores Ministros e Ministras da Saúde e a OPAS os acompanha firmemente.

Muito obrigada.